

## Três poemas de Friedrich Schiller

André Carone<sup>1</sup>

Figura decisiva na história da literatura alemã, Johann Christoph Friedrich Schiller legou uma obra multifacetada como dramaturgo, contista, poeta, filósofo e investigador da natureza da obra de arte e dos sentimentos estéticos. Esta obra acompanha igualmente a transição que parte do movimento “Tempestade e Ímpeto” (Sturm und Drang), na década de 1770, rumo ao chamado classicismo de Weimar. Pertencem a este segundo período os três poemas que são apresentados aqui em uma nova tradução para o português: “A dança” (Der Tanz) e “A imagem sob o véu em Saïs” (Das verschleierte Bild zu Saïs), publicados em 1795, e “O mergulhador” (Der Taucher), em 1797. De forma explícita ou velada, questões filosóficas atravessam todos estes poemas. A existência e os riscos do conhecimento absoluto estão no cerne do poema sobre a imagem na cidade egípcia de Saïs. O poema precede o fragmento de Novalis “Os aprendizes em Saïs” (Die Lehrlinge zu Saïs) que seria redigido dois anos depois. A balada “O mergulhador” associa a força e a violência da natureza ao uso cruel e despótico do poder, enquanto “A dança” entrelaça os elementos ideais e sensíveis ao vincular a concepção do absoluto à mudança contínua e à negação da estabilidade. A forma singular e surpreendente de sua expressão guarda uma relação direta com as ambições e os propósitos estéticos do poeta.

### A dança (1795) – Friedrich Schiller

Observa: como os pares rodopiam em ondas com passos flutuantes,  
Seus pés alados quase não tocam o chão.  
São sombras passageiras que vejo, libertas da gravidade dos corpos?  
Os elfos manejam o sopro das correntes sob o luar?  
E como corta no vento um rastro suave, talhado por Zéfiro,  
Como o bote sutilmente agita-se na correnteza dourada;  
O pé adestrado brinca ao compasso da melodia ondulante,  
O movimento das cordas reverbera no corpo etéreo.  
Como se quisesse arrancar em combate a cadeia da dança,  
Um casal destemido agora desliza pelas estreitas colunas.  
Emerge à sua frente a trilha que desaparece às suas costas,  
Uma mão mágica parece abrir e fechar o caminho.  
Observa! Eles já desaparecem da vista, o delicado alicerce  
Deste mundo inconstante afunda no torvelinho.  
Mas não: ele paira outra vez, gracioso, desata-se o nó,  
A regra é reposta com um encanto transformado.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo. Doutor em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos e tradutor, conduz pesquisas sobre as relações entre filosofia e psicanálise. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1401-8952>. E-mail: [andre.carone@unifesp.br](mailto:andre.carone@unifesp.br).

## TRÊS POEMAS DE FRIEDRICH SCHILLER

Destruída a cada instante, um novo instante traz em círculo a criação  
E uma lei silenciosa conduz o jogo de transformações.  
Diz então: como podem as figuras oscilar sem repouso,  
E ser a cadeia uma forma em movimento?  
E cada uma ser soberana, livre, fiel ao próprio coração  
E encontrar no seu curso veloz o único caminho?  
Queres mesmo saber? É a harmonia das forças divinas  
Que compõe a dança em comum a partir do salto tempestuoso  
Que, como a Nêmesse, conduz o prazer arrebatador  
E domestica o selvagem pelo ritmo de uma rédea de ouro;  
Não ressoam para ti as harmonias do universo,  
Não te conquista a corrente desse canto sublime,  
Nem o compasso arrebatador que as criaturas marcam para ti,  
Nem a dança em espiral que move sóis luminosos  
Pelo espaço eterno em vias sinuosas e temerárias?  
Tu aprecias no jogo o que não percebes na ação: a medida.

### O mergulhador (1797) – Friedrich Schille

“Qual servo ou cavaleiro ousado  
Mergulharia no abismo profundo?  
Nele lançarei um jarro dourado,  
A boca escura já o conduz para outro mundo.  
Quem me trouxe o jarro, demonstrando capacidade,  
Ficará então com ele, será sua propriedade”.

Disse o rei ao lançar do penhasco  
Tão íngreme e escarpado, e tão alto,  
O jarro naquele mar vasto:  
A boca de Caribde já aguardava o salto.  
“Quem aceita, pergunto com gentileza,  
Mergulhar nessa profundidade?”

Servos e cavaleiros escutam a voz  
E permanecem em silêncio e sem amparo.  
Veem abaixo o mar atroz  
E não querem resgatar o jarro.  
Outra vez mais o rei volta a perguntar:  
“Mas ninguém ousaria se arriscar?”

Porém tudo seguiu como estava  
Até que um servo, firme e inconteste,  
Rompendo o silêncio que reinava,  
Retirou o cinto e as vestes  
E os homens e mulheres ao redor  
Admiravam o jovem por seu destemor.

À beira do penhasco ele olhava,  
Do alto, o abismo que descia  
E a água que ele devorava:  
Era Caribde que bramia  
E como o som de um trovão cego  
Submergia em seu escuro aconchego.  
O mar agitado entornava, explodia  
Como água no fogo incandescente.

A onda fervente no mar esvaía,  
Agitando uma nova torrente;  
Como se nunca quisesse cessar,  
Como se o mar parisse um outro mar.

Interrompe-se o violento tumulto  
E da branca espuma de saís  
Range uma fenda negra, como um vulto  
Do abismo, das terras infernais.  
Vê-se a onda que reverbera  
Arrastar-se para o redemoinho da cratera.

Antes que voltasse a rebentação  
O jovem pediu proteção a Deus.  
Ouviram-se um grito de consternação  
E o turbilhão levou-o sem adeus.  
A garganta misteriosa prendia o rapaz  
E já não se podia vê-lo mais.

Fez-se o silêncio acima do vão profundo  
Mas um som abafado permanecia forte.  
Um consolo era entoado por todo mundo:  
“Valoroso rapaz, tenha boa sorte!”  
Um ganido oco se espalhava,  
Seu eco violento a todos assustava.

E se tu lançasses a coroa nesse escuro lado  
E me dissesse: “quem essa coroa trouxe  
Poderá usá-la, será seu todo o reinado”,  
Eu jamais iria por um prêmio sequer.  
Nenhuma alma feliz, tenho certeza,  
Sabe o que esconde aquela profundidade.

Embarcações foram tragadas por ela,  
Atiradas ao fundo sem cessar.  
Ressurgiram destruídos o mastro e a vela  
Devorados no tórumulo deste mar.  
Claro como o uivar da tempestade

## TRÊS POEMAS DE FRIEDRICH SCHILLER

É o estrondo de sua voracidade.

O mar agitado entornava, explodia  
Como água no fogo incandescente.  
A onda fervente no mar esvaía,  
Agitando uma nova torrente;  
E como o som de um trovão cego  
Submergia em seu escuro aconchego.

Eis que do escuro ventre flutuante  
Saltaram, como o cisne mais claro,  
Um braço e uma nuca brilhante  
A remar com força e empenho raro:  
Era ele, que na mão esquerda trazia  
O jarro na mais plena alegria.

Respirou, e respirou fundo aquele ar  
E deu graças à luz do firmamento.  
Em triunfo, todos queriam-no saudar:  
“Está vivo! Está aqui! Ele alcançou o seu intento.  
Do seu túmulo, nos redemoinhos do mar  
Ele lutou por sua alma e conseguiu se salvar”.

Ele é seguido em festa pela multidão  
E diante dos pés do rei se prostra  
De joelhos, oferecendo-lhe o jarro com a mão.  
O rei acena para a filha que lhe mostra  
A taça com vinho espumante a transbordar.  
Para o rei, então, o jovem começa a falar:

“Longa vida ao rei! Conhece a felicidade  
Quem respira nessa rósea claridade!  
Lá embaixo só existe a temeridade  
E os homens sequer perturbariam a divindade.  
Não queiram eles enxergar tudo o que os deuses, por temor,  
Estão a nos ocultar sob o véu da noite e do horror.

Arrastaram-me muito rapidamente  
E deparei-me com um poço rochoso.  
Lutando contra a força das torrentes,  
Dominado pela fúria do fluxo poderoso,  
Como um pião na vertigem sem fim  
Eu girava sem que soubesse dominar a mim.

Mostrou-me Deus, a quem eu pedia que visse  
A terrível provação que roubava minha sorte,  
Uma profundidade onde se via uma pedra de recife.

Agarrei-a na mesma hora, e escapei à morte.  
O jarro pendia de um coral espinhoso  
E quase afundava no desvão ominoso.

Ele estava muitas rochas abaixo: lá em frente  
Na escuridão púrpura eu o via.  
E se o ouvido ali fica dormente  
O espanto do olho nos arrepia  
Como salamandra, monstro ou dragão  
Nas fendas do inferno em ebulição.

Abarrotava-se numa massa essa laia  
Agrupada em um negrume tenebroso:  
As lanças e espinhos da arraia,  
O martelo e seu contorno monstruoso.  
A furiosa hiena do mar, um funesto tubarão,  
Avançava com os dentes na minha direção.

Eu me pendurava ali e percebia o terror insano:  
Sem amparo algum naquele mar afora  
Eu era, em meio às larvas, o único coração humano.  
Perdido na solidão mais devastadora,  
Tão distante de uma outra voz,  
Ao lado do monstro de um deserto atroz.

E então ele se move, para o meu martírio.  
Sacode seus membros, uma centena ou mais,  
Tentando me abocanhar: mas sem temer o delírio  
Soltei as ramagens das pedras corais.  
Um turbilhão arrastou-me no mesmo ato  
E, para a minha sorte, puxou-me para o alto”.

A surpresa toma conta do rei  
Que diz: “O jarro é teu agora  
E este anel ainda eu te darei,  
Adornado com uma pedra encantadora.  
Lança-te outra vez e nos traga alguma notícia  
Do que viste no mar profundo sob a superfície”.

Escutava o rei a sua doce filha  
E veio de sua boca suave o pedido:  
“Meu pai, esquece de vez a tua armadilha.  
Ele venceu o jogo que nunca fora vencido.  
Se tu não sabes dominar o capricho do teu coração,  
Que os cavaleiros apliquem aos servos uma lição”.

Eis que o rei recupera o jarro com rapidez

## TRÊS POEMAS DE FRIEDRICH SCHILLER

Para atirá-lo no turbilhão brumoso:  
"Se me trouxeres o jarro outra vez  
Serás entre todos cavaleiros o mais valoroso.  
E terás ainda hoje em teus braços  
Esta mulher e filha que te defende sem cansaço".

Apoderou-se de sua alma uma força celestial  
E uma luz brilhou fundo em seu olhar.  
Ele viu corar aquela beleza sem igual,  
Ele a viu empalidecer e depois desmaiar.  
Mais ainda ele quis a recompensa da sorte  
E saltou para baixo, para a vida e para a morte.

A rebentação recua, e em seguida avança  
Anunciando um estrondo que invade o ar.  
E todos olham para baixo com esperança  
E aproximam-se das águas do mar:  
Seu rumor diminui e depois cresce  
E nunca o jovem reaparece.

### A imagem sob o véu em Saïs (1795) – Friedrich Schiller

Um jovem, cuja sede imensa  
Por conhecimento levou-o até Saïs, no Egito,  
Para aprender com os sacerdotes a sabedoria oculta,  
Havia avançado vários graus com sagacidade;  
Sua ânsia pelo saber o movia adiante  
E a muito custo o hierofante apaziguava  
A sua curiosidade. "O que eu possuo  
Caso não possua tudo?", dizia o jovem.  
"Por acaso existe aqui o menos e o mais?  
Ou a tua verdade é como o acaso das sensações,  
Uma soma maior ou menor  
Que possuímos ou deixamos de possuir?  
Ela não é una, indivisível?  
Retira um som de uma harmonia,  
Retira uma cor de um arco-íris,  
E o que te resta é nada  
Se te falta a beleza do todo nos sons e nas cores".  
Assim falavam eles, sozinhos  
Em uma rotunda onde  
Uma imagem colossal coberta por um véu  
Atraiu o olhar do jovem. Admirado,  
Ele se voltou para o mestre e disse: "O que  
Se esconde por trás deste véu?"

"A verdade", eis a resposta. "Como", ele exclamou,  
"A verdade é tudo o que procuro, e o que  
Escondem de mim é justamente ela?"

"Isso só cabe à divindade", respondeu  
o hierofante. "Ela diz que nenhum mortal  
levanta esse véu antes que eu o erga".  
E quem erguê-lo com a mão impura e profana,  
Diz a divindade, este - "Sim, o quê?" - Este verá a verdade".  
"Um oráculo insólito! E tu  
Jamais o ergueste?"  
"Eu? Certamente que não! E nunca me senti  
Tentado a fazê-lo". – "Não compreendo.  
Se o que me separa da verdade é somente essa parede tão fina" -  
"E uma lei", advertiu-lhe o mestre.  
"Esse véu tênue, filho, pesa bem mais do que imaginas:  
É leve em tuas mãos mas pesa toneladas na tua consciência".

O jovem retornou pensativo para casa.  
O anseio ardente pelo saber tirava-lhe o sono,  
Ele se agitava febril no leito  
E à meia-noite levantou-se. Seus passos  
Levaram-no ao templo sem o seu comando.  
Escalou sem esforço o muro  
E um salto impetuoso o pôs  
Do lado de dentro da rotunda.

Ei-lo aqui, e ao redor do jovem solitário  
Um silêncio mortal interrompido somente pelo  
Eco vazio de seus passos nas criptas secretas.  
D alto a lua irradia pela abertura  
Da cúpula uma pálida luz azul-prateada,  
Lançando o seu brilho, terrível como a presença de um deus,  
sobre o longo contorno do véu na abóbada escura.

Ele pisa seus passos incertos,  
A mão audaciosa quer logo tocar a figura sagrada  
Mas o frio e o calor cortam a sua espinha  
E afastam-no com mãos invisíveis.  
O que estás fazendo, infeliz? – adverte  
Dentro dele uma voz familiar.  
Queres desafiar o que é mais sagrado?  
Nenhum mortal, disse a boca do oráculo,  
afasta este véu antes que eu o erga.  
Mas também não disse essa mesma boca:  
Quem erguer esse véu, verá a verdade?  
"Não me importa o que há por trás dele! Vou erguê-lo".

## TRÊS POEMAS DE FRIEDRICH SCHILLER

(Bradou ele em voz alta). "Quero ver". "– Ver!"  
Bramiu com desdém um longo eco.

Falou, e então retirou o véu.  
Pergunta-me agora: o que apareceu diante dele?  
Eu não sei. Os sacerdotes o encontraram  
Pálido e atônito no dia seguinte,  
Estirado ao lado do pedestal de Isis. A alegria  
Desapareceu para sempre de sua vida  
E logo o infortúnio levou-o para o túmulo.  
"Pobre de quem", ele advertia a todos  
que o importunassem com perguntas,  
"Pobre de quem chega à verdade por culpa;  
Ela nunca mais volta a sorrir para ele".

\*\*\*

### Originais

*Der Tanz (1795) – Friedrich Schiller*

Siehe wie schwebenden Schritts im Wellenschwung sich die Paare  
Drehen, den Boden berührt kaum der geflügelte Fuß.  
Seh ich flüchtige Schatten, befreit von der Schwere des Leibes?  
Schlingen im Mondlicht dort Elfen den luftigen Reihn?  
Wie, vom Zephyr gewiegt, der leichte Rauch in die Luft fließt,  
Wie sich leise der Kahn schaukelt auf silberner Flut,  
Hüpft der gelehrige Fuß auf des Takts melodischer Woge,  
Säuselndes Saitengetön hebt den ätherischen Leib.  
Jetzt, als wollt es mit Macht durchreißen die Kette des Tanzes,  
Schwingt sich ein mutiges Paar dort in den dichtesten Reihn.  
Schnell vor ihm her entsteht ihm die Bahn, die hinter ihm schwindet,  
Wie durch magische Hand öffnet und schließt sich der Weg.  
Sieh! Jetzt schwand es dem Blick, in wildem Gewirr durcheinander  
Stürzt der zierliche Bau dieser beweglichen Welt.  
Nein, dort schwebt es frohlockend herauf, der Knoten entwirrt sich,  
Nur mit verändertem Reiz stellet die Regel sich her.  
Ewig zerstört, es erzeugt sich ewig die drehende Schöpfung,  
Und ein stilles Gesetz lenkt der Verwandlungen Spiel.  
Sprich wie geschiehts, daß rastlos erneut die Bildungen schwanken,  
Und die Ruhe besteht in der bewegten Gestalt?  
Jeder ein Herrscher, frei, nur dem eigenen Herzen gehorchet,  
Und im eilenden Lauf findet die einzige Bahn?  
Willst du es wissen? Es ist des Wohllauts mächtige Gottheit,  
Die zum geselligen Tanz ordnet den tobenden Sprung,  
Die, der Nemesis gleich, an des Rhythmus goldenem Zügel  
Lenkt die brausende Lust und die verwilderte zähmt.  
Und dir rauschen umsonst die Harmonieen des Weltalls,  
Dich ergreift nicht der Strom dieses erhabnen Gesangs,  
Nicht der begeisternde Takt, den alle Wesen dir schlagen,  
Nicht der wirbelnde Tanz, der durch den ewigen Raum  
Leuchtende Sonnen schwingt in kühn gewundenen Bahnen?  
Das du im Spiele doch ehrst, fliehst du im Handeln, das Maß.

*Der Taucher (1797) – Friedrich Schiller*

„Wer wagt es, Rittersmann oder Knapp,  
Zu tauchen in diesen Schlund?  
Einen goldnen Becher werf ich hinab,  
Verschlungen schon hat ihn der schwarze Mund.  
Wer mir den Becher kann wieder zeigen,  
Er mag ihn behalten, er ist sein eigen.“

Der König spricht es, und wirft von der Höh  
Der Klippe, die schroff und steil  
Hinaushängt in die unendliche See,  
Den Becher in der Charybde Geheul.  
„Wer ist der Beherzte, ich frage wieder,  
Zu tauchen in diese Tiefe nieder?“

Und die Ritter, die Knappen um ihn her,  
Vernehmens und schweigen still,  
Sehen hinab in das wilde Meer,  
Und keiner den Becher gewinnen will.  
Und der König zum dritten Mal wieder fraget:  
„Ist keiner, der sich hinunterwaget?“

Doch alles noch stumm bleibt wie zuvor,  
Und ein Edelknecht, sanft und keck,  
Tritt aus der Knappen zagendem Chor,  
Und den Gürtel wirft er, den Mantel weg,  
Und alle die Männer umher und Frauen  
Auf den herrlichen Jüngling verwundert schauen.

Und wie er tritt an des Felsen Hang,  
Und blickt in den Schlund hinab,  
Die Wasser, die sie hinunterschlang,  
Die Charybde jetzt brüllend wiedergab,  
Und wie mit des fernen Donners Getöse  
Entstürzen sie schäumend dem finstern Schoße.

Und es wallet und siedet und brauset und zischt,  
Wie wenn Wasser mit Feuer sich mengt,  
Bis zum Himmel spritzt der dampfende Gischt,  
Und Flut auf Flut sich ohn Ende drängt,  
Und will sich nimmer erschöpfen und leeren,  
Als wollte das Meer noch ein Meer gebären.

Doch endlich, da legt sich die wilde Gewalt,  
Und schwarz aus dem weißen Schaum  
Klafft hinunter ein gähnender Spalt,  
Grundlos als ging's in den Höllenraum,  
Und reißend sieht man die brandenden Wogen  
Hinab in den strudelnden Trichter gezogen.

Jetzt schnell, eh die Brandung wiederkehrt,  
Der Jüngling sich Gott befiehlt,  
Und – ein Schrei des Entsetzens wird rings gehört,  
Und schon hat ihn der Wirbel hinweggespült,  
Und geheimnisvoll über dem kühnen Schwimmer  
Schließt sich der Rachen, er zeigt sich nimmer.

Und stille wird's über dem Wasserschlund,

## TRÊS POEMAS DE FRIEDRICH SCHILLER

In der Tiefe nur brauset es hohl,  
Und bebend hört man von Mund zu Mund:  
„Hochherziger Jüngling, fahre wohl!“  
Und hohler und hohler hört mans heulen,  
Und es harrt noch mit bangem, mit schrecklichem Weilen.

Und wärfst du die Krone selber hinein,  
Und sprächst: wer mir bringet die Kron,  
Er soll sie tragen und König sein –  
Mich gelüstete nicht nach dem teuren Lohn.  
Was die heulende Tiefe da unten verhehle,  
Das erzählt keine lebende glückliche Seele.

Wohl manches Fahrzeug, vom Strudel gefasst,  
Schoß gäh in die Tiefe hinab,  
Doch zerschmettert nur rangen sich Kiel und Mast  
Hervor aus dem alles verschlingenden Grab.  
Und heller und heller, wie Sturmes Sausen,  
Hört man's näher und immer näher brausen.

Und es wallet und siedet und brauset und zischt,  
Wie wenn Wasser mit Feuer sich mengt,  
Bis zum Himmel spritzt der dampfende Gischt,  
Und Well auf Well sich ohn Ende drängt,  
Und wie mit des fernen Donners Getöse  
Entstürzt es brüllend dem finstern Schoße.

Und sieh! aus dem finster flutenden Schoß  
Da hebet sich's schwanenweiß,  
Und ein Arm und ein glänzender Nacken wird bloß  
Und es rudert mit Kraft und mit emsigem Fleiß,  
Und er ist's, und hoch in seiner Linken  
Schwingt er den Becher mit freudigem Winken.

Und atmete lang und atmete tief,  
Und begrüßte das himmlische Licht.  
Mit Frohlocken es einer dem andern rief:  
„Er lebt! Er ist da! Es behielt ihn nicht!  
Aus dem Grab, aus der strudelnden Wasserhöhle  
Hat der Brave gerettet die lebende Seele.“

Und er kommt, es umringt ihn die jubelnde Schar,  
Zu des Königs Füßen er sinkt,  
Den Becher reicht er ihm kniend dar,  
Und der König der lieblichen Tochter winkt,  
Die füllt ihn mit funkelndem Wein bis zum Rande,  
Und der Jüngling sich also zum König wandte:

„Lang lebe der König! Es freue sich,  
Wer da atmet im rosichten Licht!  
Da unten aber ist's fürchterlich,  
Und der Mensch versuche die Götter nicht,  
Und begehre nimmer und nimmer zu schauen,  
Was sie gnädig bedecken mit Nacht und Grauen.

Es riss mich hinunter blitzesschnell –  
Da stürzt' mir aus felsigtem Schacht  
Wildflutend entgegen ein reißender Quell:  
Mich packte des Doppelstroms wütende Macht,

Und wie einen Kreisel mit schwindelndem Drehen  
Trieb mich's um, ich konnte nicht widerstehen.

Da zeigte mir Gott, zu dem ich rief,  
In der höchsten schrecklichen Not,  
Aus der Tiefe ragend ein Felsenriff,  
Das erfasst ich behend und entrann dem Tod –  
Und da hing auch der Becher an spitzen Korallen,  
Sonst wär er ins Bodenlose gefallen.

Denn unter mir lag's noch, Berge tief,  
In purpurner Finsternis da,  
Und ob's hier dem Ohre gleich ewig schlief,  
Das Auge mit Schaudern hinuntersah,  
Wie's von Salamandern und Molchen und Drachen  
Sich regt' in dem furchtbaren Höllenrachen.

Schwarz wimmelten da, in grausem Gemisch,  
Zu scheußlichen Klumpen geballt,  
Der stachlichte Roche, der Klippenfisch,  
Des Hammers greuliche Ungestalt,  
Und dräuend wies mir die grimmigen Zähne  
Der entsetzliche Hai, des Meeres Hyäne.

Und da hing ich und war's mir mit Grausen bewusst,  
Von der menschlichen Hilfe so weit,  
Unter Larven die einzige fühlende Brust,  
Allein in der grässlichen Einsamkeit,  
Tief unter dem Schall der menschlichen Rede  
Bei den Ungeheuern der traurigen Öde.

Und schaudernd dacht ich's, da kroch's heran,  
Regte hundert Gelenke zugleich,  
Will schnappen nach mir – in des Schreckens Wahn  
Lass ich los der Koralle umklammerten Zweig;  
Gleich fasst mich der Strudel mit rasendem Toben,  
Doch es war mir zum Heil, er riss mich nach oben.“

Der König darob sich verwundert schier,  
Und spricht: „Der Becher ist dein,  
Und diesen Ring noch bestimm ich dir,  
Geschmückt mit dem köstlichsten Edelgestein,  
Versuchst du's noch einmal und bringst mir Kunde,  
Was du sahst auf des Meers tiefunterstem Grunde?“

Das hörte die Tochter mit weichem Gefühl,  
Und mit schmeichelndem Munde sie fleht:  
„Lasst, Vater, genug sein das grausame Spiel!  
Er hat Euch bestanden, was keiner besteht,  
Und könnt Ihr des Herzens Gelüsten nicht zähmen,  
So mögen die Ritter den Knappen beschämen.“

Drauf der König greift nach dem Becher schnell,  
In den Strudel ihn schleudert hinein,  
„Und schaffst du den Becher mir wieder zur Stell,  
So sollst du der trefflichste Ritter mir sein,  
Und sollst sie als Ehgemahl heut noch umarmen,  
Die jetzt für dich bittet mit zartem Erbarmen.“

## TRÊS POEMAS DE FRIEDRICH SCHILLER

Da ergreift's ihm die Seele mit Himmels Gewalt,  
Und es blitzt aus den Augen ihm kühn,  
Und er siehet erröten die schöne Gestalt,  
Und sieht sie erbleichen und sinken hin –  
Da treibt's ihn, den köstlichen Preis zu erwerben,  
Und stürzt hinunter auf Leben und Sterben.

Wohl hört man die Brandung, wohl kehrt sie zurück,  
Sie verkündigt der donnernde Schall –  
Da bückt sich's hinunter mit liebendem Blick:  
Es kommen, es kommen die Wasser all,  
Sie rauschen herauf, sie rauschen nieder,  
Den Jüngling bringt keines wieder.

### *Das verschleierte Bild zu Sais (1795) – Friedrich Schiller*

Ein Jüngling, den des Wissens heißer Durst  
Nach Sais in Ägypten trieb, der Priester  
Geheime Weisheit zu erlernen, hatte  
Schon manchen Grad mit schnellem Geist durchheilt,  
Stets riß ihn seine Forschbegierde weiter,  
Und kaum besänftigte der Hierophant  
Den ungeduldig Strebenden. »Was hab ich,  
Wenn ich nicht alles habe?« sprach der Jüngling.  
»Gibts etwa hier ein Weniger und Mehr?  
Ist deine Wahrheit wie der Sinne Glück  
Nur eine Summe, die man größer, kleiner  
Besitzen kann und immer doch besitzt?  
Ist sie nicht eine einzge, ungeteilte?  
Nimm einen Ton aus einer Harmonie,  
Nimm eine Farbe aus dem Regenbogen,  
Und alles, was dir bleibt, ist nichts, solange  
Das schöne All der Töne fehlt und Farben.«  
Indem sie einst so sprachen, standen sie  
In einer einsamen Rotonde still,  
Wo ein verschleiert Bild von Riesengröße  
Dem Jüngling in die Augen fiel. Verwundert  
Blickt er den Führer an und spricht: »Was ists,  
Das hinter diesem Schleier sich verbirgt?«  
»Die Wahrheit«, ist die Antwort. – »Wie?« ruft jener,  
»Nach Wahrheit streb ich ja allein, und diese  
Gerade ist es, die man mir verhüllt?«  
  
»Das mache mit der Gottheit aus«, versetzt  
Der Hierophant. »Kein Sterblicher, sagt sie,  
Rückt diesen Schleier, bis ich selbst ihn hebe.  
Und wer mit ungeweihter, schuldger Hand  
Den heiligen, verbotnen früher hebt,  
Der, spricht die Gottheit« – »Nun?« – »Der sieht die Wahrheit.«  
»Ein seltsamer Orakelspruch! Du selbst,  
Du hättest also niemals ihn gehoben?«  
»Ich? Wahrlich nicht! Und war auch nie dazu  
Versucht.« – »Das fass ich nicht. Wenn von der Wahrheit  
Nur diese dünne Scheidewand mich trennte –«  
»Und ein Gesetz«, fällt ihm sein Führer ein.  
»Gewichtiger, mein Sohn, als du es meinst,  
Ist dieser dünne Flor – für deine Hand

Zwar leicht, doch zentnerschwer für dein Gewissen.«

Der Jüngling ging gedankenvoll nach Hause.  
Ihm raubt des Wissens brennende Begier  
Den Schlaf, er wälzt sich glühend auf dem Lager  
Und rafft sich auf um Mitternacht. Zum Tempel  
Führt unfreiwillig ihn der scheue Tritt.  
Leicht ward es ihm, die Mauer zu ersteigen,  
Und mitten in das Innre der Rotonde  
Trägt ein beherzter Sprung den Wagenden.

Hier steht er nun, und grauenvoll umfängt  
Den Einsamen die lebenslose Stille,  
Die nur der Tritte hohler Widerhall  
In den geheimen Grüften unterbricht.  
Von oben durch der Kuppel Öffnung wirft  
Der Mond den bleichen, silberblauen Schein,  
Und furchtbar wie ein gegenwärtger Gott  
Erglänzt durch des Gewölbes Finsternisse  
In ihrem langen Schleier die Gestalt.

Er tritt hinan mit ungewissem Schritt,  
Schon will die freche Hand das Heilige berühren,  
Da zuckt es heiß und kühl durch sein Gebein  
Und stößt ihn weg mit unsichtbarem Arme.  
Unglücklicher, was willst du tun? So ruft  
In seinem Innern eine treue Stimme.  
Versuchen den Allheiligen willst du?  
Kein Sterblicher, sprach des Orakels Mund,  
Rückt diesen Schleier, bis ich selbst ihn hebe.  
Doch setzte nicht derselbe Mund hinzu:  
Wer diesen Schleier hebt, soll Wahrheit schauen?  
»Sei hinter ihm, was will! Ich heb ihn auf.«  
Er rufts mit lauter Stimme. »Ich will sie schauen.« Schauen!  
Gellt ihm ein langes Echo spottend nach.

Er spricht's und hat den Schleier aufgedeckt.  
Nun, fragt ihr, und was zeigte sich ihm hier?  
Ich weiß es nicht. Besinnungslos und bleich,  
So fanden ihn am andern Tag die Priester  
Am Fußgestell der Isis ausgestreckt.  
Was er allda gesehen und erfahren,  
Hat seine Zunge nie bekannt. Auf ewig  
War seines Lebens Heiterkeit dahin,  
Ihn riß ein tiefer Gram zum frühen Grabe.  
»Weh dem«, dies war sein warnungsvolles Wort,  
Wenn ungestüme Frager in ihn drangen,  
»Weh dem, der zu der Wahrheit geht durch Schuld,  
Sie wird ihm nimmermehr erfreulich sein.«

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/exilium.v5i9.19821>.